

# COISAS BOAS E COISAS RUINS GLOBALIZAM

Dr. Anselmo Ernesto Graff – Editor

Escrevo esta palavra inicial ao leitor sob o impacto da quarentena imposta pela globalização da Covid-19, doença provocada pelo Corona vírus, identificado em dezembro de 2019 e que, segundo dados da Universidade Johns Hopkins (EUA), já levou a óbito mais de 217 mil pessoas no mundo até o dia 29 de abril.<sup>1</sup> A realidade imposta por essa situação pode estar gerando múltiplas aprendizagens para cristãos e não cristãos.

No meu caso, todo esse contexto trouxe à memória as palavras de Deus em Eclesiastes e no apóstolo Tiago. “No dia da prosperidade, seja feliz; mas, no dia da adversidade, considere que Deus fez tanto este como aquele, para que o ser humano não descubra nada do que há de vir depois dele” (Ec 7.14). Deus descreve a vida como ela realmente é: inesperados altos e baixos e reviravoltas que ocorrem no mundo, ao nosso redor e na nossa existência. Só com a sabedoria que vem de Deus, o cristão será capaz de perceber as sérias limitações a que estamos expostos, especialmente a de não saber coisa alguma a respeito do dia de amanhã, mas continuar confiando nos cuidados do Pai Celestial.

Por isso a recomendação é ser feliz nos bons momentos e quando se pode desfrutar alegremente do trabalho, que é dom de Deus, como o livro de Eclesiastes repetidamente afirma (2.24-26; 3.13; 5.18-19), e, nos dias de trevas, pa-

---

<sup>1</sup> <<https://www.aregis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>>. Acesso em: 29 abr.2020.

rar e reagir como qualquer ser humano normalmente reage. Observar e refletir. Guardados pela paz de coração e mente, que vem daquele que governa bondosamente céus e terra, por causa do seu amado Filho Jesus Cristo, podemos reconhecer que Deus reina sobre tudo e sobre todos, e a globalização do seu reinado, que começou no primeiro dia da criação, opera para o bem de toda a humanidade (BOLLHAGEN, 2011, p.254-255).

A reflexão que julgo mais importante dessas palavras em Eclesiastes, considerando o atual contexto de incerteza e instabilidade, tem a ver com realidade de que não somos mestres do dia de amanhã, e o nosso destino é repetir, junto com o apóstolo Tiago, “se Deus quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo” (Tg 4.15).

Esses trechos da Palavra de Deus me alertaram [de novo] para a verdade de que nem a presunção a respeito do dia de amanhã e nem preocupação mórbida com o futuro são saudáveis, e elas não se encaixam na esperança cristã. Deus requer de nós uma atitude realista da vida e, diante da incerteza do futuro, ele nos ensina a confiar nele e a valorizar apropriadamente as bênçãos do tempo presente.

Sob o impacto do Corona vírus, também fui levado a reconhecer [de novo] que o meu papel como teólogo e a própria Teologia tem as suas limitações. Não que alguém esteja propagando esta ideia. Entretanto, é importante notar que o desenvolvimento do espírito científico de forma linear e cartesiana, como se a Teologia pudesse se atribuir a missão de responder a todos os questionamentos, não tem sustentação em tempos como esses que estamos vivendo, senão nos curvar diante de Deus. Bollhagen (2011, p.14), afirma que os enigmas em Eclesiastes nos deveriam levar a uma postura mais humilde e de reconhecimento de nossas limitações, não somente em relação ao que vai acontecer no dia de amanhã, mas na própria reflexão teológica.

Enigmas em Eclesiastes e outros livros da Escritura sabotam os esforços humanos em desenvolver uma teologia consistente e linear, que não deixa nenhum mistério ou perguntas sem serem respondidas, como se pudesse ser feita sem humildade e confiança em Deus, ainda que seja contrária à experiência e percepção humana.

Bachelar (2005) alerta para o fato de que a geometrização do conhecimento, seja pelo sucesso do cartesianismo, seja pelas descobertas de Newton, se tornaram insuficientes, especialmente porque a partir de 1905, com a relatividade de Einstein, começou um novo espírito científico. Whitehead (2006)

afirma que ver tudo pela razão é ver com um olho só (p.80) e “o defeito científico do século XVIII foi não cuidar de nenhum dos elementos que compõem as experiências psicológicas imediatas da humanidade” (p.97). No esquema da pesquisa científica – sujeito/objeto – espírito/matéria – é preciso admitir que “[...] entre ambos se encontram os conceitos de vida, organismo, função, realidade instantânea, interação, ordem da natureza, que juntos formam o calcanhar-de-aquiles de todo o sistema” (p.77). Mesmo o relativismo, que às vezes nos parece ser o principal inimigo, pode se tornar legítimo se temos em vista facilitar as explicações na perspectiva do observador (WHITEHEAD, 2006, p.151; VOELZ, 1999).

A Teologia, de fato, não é uma ciência comum, porque *seu objeto de estudo* não é comum. É Deus, que não pode ser apreendido por nenhum dos nossos sentidos, a não ser Jesus, o revelador do coração do Pai e em quem podemos crer, ver na água do batismo, enxergar, ouvir e sentir em sua ceia santa.

Nesse sentido, elementos de solidez absoluta e “hiperteorismo” em nossas formulações teológicas, deveriam abrir espaço para uma postura reconhecedora de que a formação e a pesquisa teológica passam pela ação de Deus, e elas não podem ser adquiridas por “baixo preço”, como se isto caísse do céu num espírito de alienação do mundo e do que acontece nele, com as pessoas e com o próprio teólogo. É preciso humildade, espírito de oração e “ressonância teológica”.<sup>2</sup>

Isso significa reconhecer, por mais óbvio que pareça, que somos teólogos, humanos, sujeitos a sentimentos próprios de um ser humano e que acontecimentos ao nosso redor nos impactam e nos afetam em nosso jeito de fazer teologia, que por sua vez é dirigida a pessoas “humanas”. “Nós também somos seres humanos como vocês, sujeitos aos mesmos sentimentos, e anunciamos o evangelho a vocês” (At 14.15).

Lutero (1972) afirma que a crença comum é de que as pessoas em geral sabem o que é bom e querem o bem, entretanto, este pensamento só pode ser aplicado quando se diz isso em casos particulares. Aí o ser humano conhece e quer praticar o bem, mas, em geral, ele não conhece e nem quer fazer o bem. A razão disso é que ele geralmente conhece seu próprio bem, ou seja, o que é útil para si mesmo. Agora, saber o que é bom para Deus e para as outras pessoas, isso não está ao seu alcance natural. “Por esta razão, a menos que a fé dê a luz e o amor e nos torne livres, ninguém é capaz de ter ou fazer alguma coisa boa, senão somente o mal, mesmo quando ele realiza o bem” (LUTERO, 1972, p.345).

Curvados, em fé diante de Deus, podemos esperar por essa luz e por esse

---

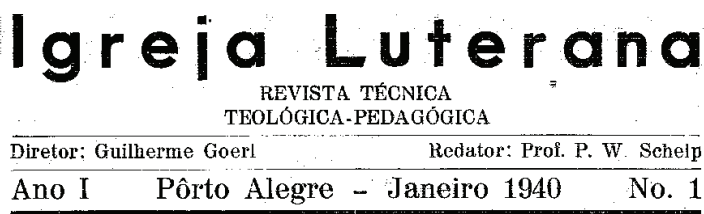
2 O conceito de “ressonância” é desenvolvido pelo sociólogo alemão Harmut Rosa e consiste em contrapor à alienação e à impermeabilidade do que acontece ao nosso redor.

amor. É interessante notar que o apóstolo Paulo faz uma advertência muito franca aos cristãos de Corinto a respeito do conhecimento e do amor. “O conhecimento leva ao orgulho, mas o amor edifica” (1Co 8.1). Isso pode ser ilustrado pela análise que Fromm (1981) faz do caráter produtivo de um ser humano, caracterizado pelo amor e pela responsabilidade. Ele usa como exemplo Jonas. Deus chama a Jonas para pregar arrependimento aos habitantes de Nínive. Depois que Jonas foge de sua missão, Deus o salva e ele vai a Nínive pregar conforme lhe foi solicitado fazer. Aí acontece o que ele tinha medo de que ocorresse: as pessoas se arrependem, e Deus as perdoa. Jonas, por sua vez, fica triste e irado com a disposição amorosa de Deus, a ponto de ele pedir para morrer. Neste sentido, “a história de Jonas dá a entender que amor não pode ser dissociado de *responsabilidade*. Jonas não se sente responsável pela vida de seus irmãos” (FROMM, 1981, p.91 – grifo do autor) e, por isso, seu caráter está em falta do amor.

Escrevo também esta palavra inicial ao leitor, sob o impacto da celebração dos 80 anos da Revista *Igreja Luterana*. Por si só, essa marca iniciada em 1940 já é motivo de dar muitas graças a Deus por todas as pessoas que fizeram e fazem parte desse projeto de produções teológicas que visaram, lá, desde o seu início, o benefício de pessoas na missão da igreja em seus múltiplos papéis.

A Revista *Igreja Luterana* teve a sua primeira edição em janeiro de 1940. No início, ela foi denominada de *Revista Técnica Teológica – Pedagógica*, e o diretor foi Guilherme Goerl, enquanto o redator foi o professor P. W. Schelp, conforme dados da figura 1.

Figura 1: Cabeçalho do primeiro número da Revista *Igreja Luterana*



Fonte: *Igreja Luterana* de janeiro de 1940

Interessante notar a especificação do público alvo no cabeçalho do segundo número da revista, conforme a figura 2: “Revista técnica para pastores e professores” [das escolas paroquiais]. Além dessa mudança, também alterou o diretor da revista que passou a ser o pastor Carlos Henrique Warth, que permaneceu na função até 1954 (BLANK, 2018, p.33).

Figura 2: Cabeçalho do segundo número da Revista *Igreja Luterana*

Fonte: Igreja Luterana de fevereiro de 1940

Outro detalhe interessante a observar, é que segundo dados do Quadro 1, houve algumas variações no foco ou no público-alvo da Revista.

Quadro 1: Visão sintética das mudanças de foco da Revista *Igreja Luterana*

Ano	Foco
1940 (Janeiro)	Igreja Luterana: Revista Técnica Teológica-Pedagógica
1940 (Fevereiro)	Igreja Luterana: Revista Técnica para pastores e professores da Igreja Luterana
1954 (Agosto)	Igreja Luterana: Revista Teológica
1974 (Primavera)	Igreja Luterana: Uma revista para os adultos em Cristo
1981/3	Igreja Luterana: Revista Teológico-pastoral
1987/1	Igreja Luterana: Revista Semestral de Teologia
2020/1	<b>Igreja Luterana: Revista de Teologia do Seminário Concórdia</b>

Fonte: Autoria própria (2020) segundo dados disponíveis em <<https://drive.google.com/drive/folders/1Z7ZW446hWNVQ2ndPj0skzSAXPFx6puUJ>>, acesso em 21 abr. 2020.

No ano em que este periódico está completando 80 anos, Deus está reabrindo as portas para que esta revista teológica continue na trilha da globalização, iniciado em 1940. Desde o seu início, é possível perceber que existiu esse objetivo globalizante. “A revista tinha como público alvo os pastores e professores do Sínodo na América Latina até a edição de 1954” (BLANK, 2018, p.33). Assim, no ano que celebramos 80 anos de existência, esta edição também é histórica, pois ela tem a pretensão de ser intercontinental, uma vez que contemplará os estudos apresentados na VII Conferência do Conselho Luterano Internacional (ILC), realizada na cidade de Baguio, Filipinas, de 15

a 18 de outubro de 2019. Literalmente, todo o mundo terá acesso às produções daquele evento.

O primeiro tópico é de Klän. Em sua apresentação, Klän aborda dois temas, que por vezes são colocados como antagônicos, mas que ele entende deverem caminhar juntos. Por um lado, nestes tempos difíceis que vivemos, em que o anúncio da Palavra de Deus é muitas vezes diluído em mensagem de origem humana, Klän argumenta pela fiel proclamação da verdade bíblica, tendo os Credos Ecumênicos e as Confissões Luteranas como testemunhos fiéis do evangelho. Por outro lado, o contexto em que a igreja está não pode ser subestimado. A fidelidade no anúncio do evangelho inclui um olhar atento para o local onde Deus colocou seu povo, com as peculiaridades do tempo e do espaço. Klän conclui com um chamamento a que luteranos confessionais valorizem sua unidade de fé e avancem na busca de um testemunho comum no mundo atual, em cujo propósito a ILC deveria ter um papel fundamental.

Thompson tem como tópico de estudo suas reflexões cristológicas a partir do contexto asiático. Pluralismo religioso, pobreza e colonialismo ocidental, fizeram com que teólogos e líderes asiáticos construíssem um retrato asiático de Jesus. Uma das facetas dessa construção fora do cristianismo está em ver em Jesus um messias político/social, de reconstrução da igualdade social entre as castas indianas. Além disso, há tentativas feitas pelos teólogos da enculturação, que procuravam articular o evangelho usando termos, símbolos e espiritualidades asiáticas, mantendo-se fiéis à fé cristã. Por outro lado, houve também aqueles que forçaram a conexão de Jesus com elementos religiosos indianos a ponto de comprometer a pessoa e obra de Cristo.

Barnbrock, em sua conferência sobre a identidade luterana no contexto pós-cristão germânico, explora pensamentos a partir do sociólogo Hartmut Rosa, na perspectiva de que as pessoas de hoje estão vivendo uma vida cada vez mais acelerada, esquecendo do presente e não se deixando mais afetar por acontecimentos cotidianos. Ligado a isso, ele também faz uso das ideias de Nassehi (2019), que trata do contexto digitalizado em que estamos inseridos. Neste sentido, Barnbrock entende que continua sendo vital uma prática piedosa, baseada na *oratio, meditatio e tentatio*, “para a formação e preservação de uma identidade luterana no século XXI”.

Salifu descreve as tentações diárias numa perspectiva de batalhas espirituais que o cristão encara em seu dia a dia. De certa forma, ele antevê o que está acontecendo no mundo hoje em toda a sua intensidade com a Covid-19. Ele aborda o sofrimento humano como uma oportunidade de o diabo se infiltrar

e colocar em dúvida o amor e o senhorio de Deus. Para ele, o Iluminismo e os avanços da ciência deixaram num segundo plano a percepção de uma realidade em que existem poderes demoníacos de plantão para tentar cooptar almas cristãs. Dentre as defesas do cristão, estão os meios da graça, a própria alegria de estar numa batalha espiritual e a vida de oração.

Biermann aborda o “divórcio” entre a igreja e a cultura norte-americana como um fato amplamente reconhecido. Primeiro, pelo fim do “constantiniano”, termo usado para descrever a relação mútua e de apoio entre a igreja e Estado. Em segundo lugar, pela ascensão de posturas religiosas que tornam a fé em algo genérico, como por exemplo, o Deísmo Terapêutico Moralista (DTM), cuja ênfase principal está na busca pela felicidade, a prontidão de Deus em resolver eventuais problemas e o final feliz para todas as pessoas na mansão celestial. Neste contexto, Biermann argumenta que não são necessariamente estudos sociológicos que deveriam determinar ações da igreja cristã, senão fazer o que é próprio da igreja, a saber, “ser igreja”.

Fuhrmann aborda desafios urbanos que luteranos enfrentam no Brasil no que diz respeito a cruzar fronteiras culturais na missão da igreja. Tendo surgido no meio rural a partir de um princípio de missão que focava nos imigrantes alemães luteranos, a igreja hoje se depara com muitos desafios no contexto urbano brasileiro. A forte diversidade étnica e cultural da realidade das favelas é um dos maiores desses desafios, segundo Fuhrmann, que lembra ao leitor que a igreja busca pregar “Cristo para todos”. A fim de ajudar a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e tentando fomentar reflexão teológica entre irmãos luteranos mundo afora, Fuhrmann explora a teologia de Lutero quanto à relação entre os dois tipos de justiça e o Credo Apostólico, buscando enfatizar a justificação por graça e fé como ponto de partida para, também, afirmar a presença e ação da igreja em missão.

Rutt analisa o impacto que a migração tem no mundo e na igreja e sugere que ela oferece oportunidades tanto para estudo missiológico quanto para o exercício do amor cristão no serviço a imigrantes. Apesar de a migração ser um fenômeno presente em toda a história humana, ela é uma das principais características do século XXI, e é nesse período que Rutt concentra o seu estudo. Segundo Rutt, há diversas organizações ligadas à LCMS que realizam trabalhos levando em conta a realidade migratória atual. Ainda assim, agora, mais do que nunca, é necessário investir estudos em missiologia num contexto de migração, a fim de entender melhor esse fenômeno que tem impactado o cristianismo no mundo de maneiras que, segundo Rutt, “só podem ser explicadas pela providência divina”.

Por fim, outro tópico de estudo em Baguio, Filipinas, foi o currículo teológico. Graff explorou a construção de um currículo teológico e seu embasamento com base no perfil do egresso ou do futuro pastor luterano. O objetivo foi refletir sobre elementos que dizem respeito à composição e execução de um currículo teológico. Sabe-se que a formação pastoral tem sua principal base na dimensão vertical, ou seja, é um dom de Deus ser pastor. O caráter problemático está em como conciliar essa dimensão vertical da formação pastoral com aspectos horizontais e de responsabilidade humana no processo formativo e que também é dependente de fatores como um currículo bem construído.

Deus abençoe e ilumine a todos, para que as reflexões propostas nesse número da Revista Teológica do Seminário Concórdia de São Leopoldo, Brasil, sejam em benefício dos cristãos, da missão da Igreja e do Reino de Deus. Acessem seu conteúdo também no endereço <[www.revistaigreja.luterana.com.br](http://www.revistaigreja.luterana.com.br)>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELAR, Gaston. *A formação do espírito científico: Contribuição para uma Psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BLANK, Clóvis Renato Leitzke. O Catecismo como recurso pedagógico nas escolas paroquiais do Sínodo de Missouri (1940-1954), p.26-39. In: ARENDT, Isabel Cristina; CUNHA, Jorge Luiz da; SANTOS, Rodrigo Luis dos (Orgs.). *Migrações: perspectivas e avanços teórico-metodológicos*. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- BOLLHAGEN, James. *Ecclesiastes*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2011.
- FROMM, Erich. *Análise do homem*. 12 ed. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar: 1981.
- LUTERO, Martinho. *Lectures on Romans. Glosses and Scholia. Volume 25*. OSWALD, Hilton C. (Ed.). Saint Louis: Concordia Publishing House, 1972.
- VOELZ, James W. Newton and Einstein at the Foot of the Cross: A Post-Modern Approach to Theology, p.264-279. *Concordia Journal*, 25/3, jul.1999.
- WHITEHEAD, Alfred North. *A ciência e o mundo moderno*. Trad. Hermann Herbert Watzlawick. São Paulo: Paulus, 2006.